

Em tempo de cantata de Oceanos - Como educar depois de Auschwitz ?

Na manhã desse dia Joan-Carles Mèlich colocava-nos perante uma questão tão inquietante quanto tangível: **É possível pensar a educação, da mesma maneira, antes e depois do holocausto nazi ?**

Confesso que nunca até esse momento, pelo menos numa conferência internacional, tinha sido confrontado de uma forma tão crua e dura com a necessidade de se valorizar a dimensão ética de um acto educativo, no âmbito da discussão e da reflexão sobre o sentido e a natureza dos projectos de educação nas sociedades contemporâneas do mundo no pós-guerra.

Foi, pois, com a pergunta: **'Como educar depois de Auschwitz ?'** a perturbar-me o dia que recebi o telefonema da Ariana. A Armanda, nossa amiga e presidente do Conselho Directivo da Escola Preparatória de Vila Praia de Âncora, tinha-a convencido a assistir à Cantata dos Oceanos que os Grupos Vocais e Instrumentais da sua escola iriam oferecer nessa noite no Pavilhão Municipal dessa vila minhota. Metemo-nos, por isso, à estrada.

Já conhecíamos o grupo através da edição de dois CD's, um dedicado à música europeia da época dos descobrimentos e outro que intitulado *'À descoberta das Américas'* constituía também um empreendimento de qualidade quer do ponto de vista musical quer do ponto de vista pedagógico. Conhecíamos igualmente as condições de trabalho daquela gente, bem como a sua dedicação e o seu profissionalismo insuperáveis. Esperávamos, por isso, assistir a um desempenho que estivesse à altura dos pergaminhos do grupo.

O que nos foi dado testemunhar superou, todavia, todas as expectativas que fomos alimentando durante a viagem. À nossa frente, num palco imenso que um cenário arrojado contribuiu para transformar num espaço estético congruente, cerca de cento e cinquenta crianças do 1º, 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico cantaram, tocaram, representaram e dançaram, evidenciando, através de uma constelação de quarenta e quatro canções provenientes dos cinco cantos da Terra, como os oceanos nos podem unir numa renovada e diferente Pangeia. Ensinaram-nos a conjugar os verbos que permitem irmanar um *'Funiculi Funicula'* italiano com um *'Taa Taa Tee'* do Ghana, deixaram-nos maravilhados com o ritmo e a musicalidade do *'Pupu'* havaiano ou do velho *'Guantanamera'* cubano. Lembraram-nos, pelo silêncio, Timor e extasiaram-nos com um guarda-roupa e uma caracterização que envolveu, num esforço conjunto, professores, funcionários da escola e encarregadas de educação.

No presente, e por razões várias, actividades desta natureza entusiasma-me pouco, sobretudo se se tende a sacrificar a qualidade pedagógica dos projectos à visibilidade final do produto a que temos acesso. Pergunto-me mesmo, perante algumas produções a que tenho vindo a assistir, que oportunidades de aprendizagem e de desenvolvimento é que se proporcionaram às crianças e aos adolescentes que nelas estiveram envolvidos. Pergunto-me para que serviu tanto tempo e energia dispendidos, pergunto-me qual o sentido educativo desses projectos e que implicações futuras é que estes poderão vir a ter sobre a vida das pessoas e das organizações.

Por isso, a Cantata dos Oceanos dos Grupos Vocais e Instrumentais da Escola Preparatória de Vila Praia de Âncora constituiu, para além do espectáculo em si, uma oportunidade de assistir a uma actividade, também a este nível, exemplar. A música, a expressão e o movimento foram, indubitavelmente, os seus veículos privilegiados de afirmação que eu entendi como um pretexto, entre outros pretextos possíveis, para concretizar uma intervenção educativa de natureza mais abrangente e plural. Sei por experiência própria que não seria possível construir um espectáculo daquele nível, se todos os que nele participaram não tivessem aprendido, em primeiro lugar, o sentido mais genuíno do que usualmente designamos por participação, solidariedade ou cooperação. Um projecto como esse não se explica apenas pela existência de uma direcção musical eficaz e criativa. Para o realizar foi necessário, certamente, ter de assumir que tal projecto deveria constituir um momento e um espaço de formação, o que, neste caso, significa que se valorizou tanto a qualidade da dinâmica do processo de animação musical e pedagógica implementado como a estrutura e o conteúdo desse mesmo projecto, entendido aqui como um factor de mediação fundamental, já que foi através de uma temática mobilizadora e significativa que aquele processo de animação pôde ser concretizado. Aqueles miúdos, aqueles professores, aqueles funcionários, aqueles encarregados de educação, quem sabe se aqueles espectadores, tiveram, pelo menos, a oportunidade de aprender (porque só a oportunidade de aprender é que pode ser assegurada) que eu sou eu, quando eu souber reconhecer e apreciar todos os tu que há em mim.

E foi assim, por um inexplicável acaso em que por vezes a vida é fértil, que numa noite, em Maio, pude acalantar alguma esperança face à atormentada questão que um filósofo catalão me colocara na manhã desse mesmo dia: Como educar depois de Auschwitz ?

Em Vila Praia de Âncora confrontei-me com uma resposta, a resposta que aquela escola soube e tem vindo a construir, de um modo perseverante, desde há dez anos a esta parte. Sei, felizmente, que noutras escolas, noutros espaços educativos formais e não-formais, outros têm tentado, com sucesso ou mesmo sem sucesso, com mais ou menos dificuldades e equívocos, construir projectos que tendem a superar dicotomias decadentes e bloqueadoras, rivalidades que algum cartesianismo pedagógico foi cimentando e que continuam a perdurar nos nossos discursos e nos nossos actos. Áreas curriculares informativo-instrumentais versus áreas curriculares formativas ? Porquê ? Experiências de aprendizagem cognitiva versus experiências de ordem afectivo-emocional ? Com que justificação e fundamento ? Projectos versus programas ? Educação técnica versus educação estética versus educação ética ?

Como educar depois de Auchwitz ? Através de uma cantata ? Certamente. Através de um algoritmo, da escrita de um texto, talvez mesmo através de exercícios chatos e aparentemente sem sentido, da Biologia, da História, do que quer que seja que, para lá de todas as retóricas possíveis e imagináveis, assumo de facto a alteridade como um eixo fundamental dos projectos de educação contemporâneos, a partir da qual se reabilite o acto de educar, prioritariamente, como um jogo relacional que se vai tecendo em torno da partilha de uma rede de significações que seja capaz de alimentar e legitimar este jogo, o que permitirá, em última análise, conferir uma outra credibilidade e uma outra utilidade às intervenções educativas nas sociedades em que vivemos.

Rui Trindade